

Santos, 3 de Maio, 97.

Meu querido, Com

Sancionado, com o coração sangrando como uma fada virgem, passei os olhos tristes pela tua carta. Acredito religiosamente, como sempre, no que nessa carta branca me disseste, no que nessa carta a tua alma affectuosissima tão claramente photographou. É mesmo assim, é mesmo assim a vida intellectual neste país de sordididades onde apenas honras da laia de Figueiredo Pimentel abotam livros que são vendidos a mais de quinhentos milhões de annellas cegas. Vi a miseria que te coube na publicação dos teus livros de astros, e fiquei assombrado, quer ir mesmo me atirar ao mar, vestigi-me na lama como um sapo immondo. Entretanto, como ainda sinto no sangue uns premitos de tal, um vago sorriso de arte, estagueando embora na infelicitia de publicar livros, aqui picorri e continuei a escrever cartas, mas este, meu amigo, simplesmente para as meus filhas. Não accepto offerecimento que me fores quanto ao Republica. por que, além de eu não poder gostar do Livro, não gosto e jamais gostarei que as mãos miserraveis de um Odeor Rodas toquem nem mesmo de leu nos typos de sangue do meu coração e do meu espirito. Estes dois honreros não solém nada para mim — um por me haver arrancado dos braços de minha familia; outro por não saber o que é

